

a crise europeia

O PERÍODO EUROPEÍSTICO

por ABEL SALAZAR

a reacção das forças vitais; a hegemonia da vida instintiva, emotiva e animal

Entre os fenómenos típicos dos períodos de decadência deve assinalar-se a hegemonia da vida instintiva, emotiva e animal. Esta hegemonia opõe-se a um afrouxamento da vida intelectual na sua forma pura, e opõe-se igualmente às formas e conceitos de vida que dominam nos períodos áureos. A dissolução mística do pensamento, a mística da força, do chefe, das raças; o culto da beliciedade, do heroísmo, da aventura; a tendência para o gesto teatral, heroico, épico ou patético; etc., combinam-se com manifestações animais típicas, tais como a tendência para a conquista, para a rapina, para a agressão.

Simplesmente enquanto, nos períodos áureos dos complexos, a conquista existe por uma forma efectiva, sem gesto teatral e fase heroizante,

Breves considerações sobre temas pedagógicos

(continuação da página três)

E assim, a única educação acessível aos trabalhadores em matéria de ensino de verdadeira história, de sociologia e de economia política, têm eles de ir procurar fora das escolas, na luta agreste da vida. E' aí, nessa ampla escola aberta a todos os homens de todas as condições, que eles vão realizar a sua educação, tantas vezes defeituosa e cheia de erros, pois lhes falta a preparação prévia que fixa a escala dos valores humanos. A responsabilidade dêsse mal só a podemos atribuir à negligência dos Estados por estes graves e momentosos problemas.

E' preciso formar o cidadão. A-pesar-das condições actuais serem hostis à realização dêsse vasto plano, é preciso reivindicar a difusão, por intermédio de todas as escolas, daquelas disciplinas que constituam verdadeiras disciplinas normativas, baseadas na lição da experiência humana vista à luz das realidades presentes, que preparem o homem para a luta heróica da vida.

nos períodos de decadência esta tendência torna-se em grande parte formal e teatral.

Assim sucede na decadência grega, cujas tendências heroizantes fazem contraste com a forma épica do período arcaico; e a conquista de Alexandre—fenómeno complexo—corresponde em grande parte a uma tendência teatral e heroizante da Grécia decadente.

Estes fenómenos combinam-se de resto com os processos arcaizantes e representam, por outro lado, uma defesa vital instintiva do complexo que se sente decompôr. Para tais movimentos contribue ainda a neurastenia gerada no Complexo pela realização do seu período áureo, a qual fatiga o homem desiludido e cansado dessa própria forma: é este um fenómeno que encontramos sistematicamente não só nas decadências, como em todas as grandes Crises da História, em particular no Osirismo.

O homem faz-se, em suma, a um tempo mais emotivo e animal; nos paroxismos faz-se, a um tempo, místico e feroz, fanático, agressivo, intolerante. Místicas emotivas e místicas animais, erguem-se umas contra as outras, oscilam em grandes flutuações, chocam-se brutalmente. E o Complexo em decadência, agitado por estas tempestades, desagrega-se lentamente, como uma grande nau desconjuntada pela violência das vagas.

Tal é o que se verifica na Grécia decadente, em Roma, na actual Europa.

os processos de diferenciação

Nenhum sistema histórico de civilização é possível sem um processo complexo de diferenciação: diferenciação de trabalho, diferenciação moral e intelectual, etc.

O processo de diferenciação acentua-se com a progressão do complexo, sendo esta função daquele; e quando se suspende, a progressão do complexo suspende-se também.

E' a diferenciação progressiva—fenómeno em aparência paradoxal, que dá *unidade, coesão*, ao complexo. Um sistema histórico sem diferenciação, como os Impérios de

Aghis Kan, de Tamerlan, não apresenta coesão. Não é a *diferenciação* o único factor de coesão, evidentemente, mas sim um dos factores principais. Assim, quanto maior o sistema histórico, maior é a sua coesão, a interdependência dos seus elementos: a diferenciação transforma-o num bloco.

Esta diferenciação não é um processo simples, nem se faz regularmente sempre em linhas dicotómicas. Diferenciação e desdiferenciação combinam-se, mas a resultante é uma diferenciação. Assim, para citar um exemplo, a diferenciação social patricios-plebeus, na República romana, conduziu a uma desdiferenciação que é expressa pela nobreza patricio-plebea, desdiferenciação parcial coberta pela diferenciação global (nobreza patricio-plebea cavaleiros/plebe). A evolução do exército romano, é outro exemplo típico de diferenciação progressiva, bem como o funcionalismo, etc.

Quando a diferenciação se suspende, a civilização continua, mas não progride mais, no seu sentido próprio: como exemplos típicos a China e o Japão.

Disto resulta que os períodos arcaicos são menos diferenciados, em todos os sentidos, que os períodos adulto e de decadência:—facto este que toda a história e a sociologia confirmam, qualquer que seja a doutrina ou filosofia que se defenda.

O Egito, a Egêa, a Grécia, Roma; as monarquias e impérios orientais, Assíria, Caldêa, Hititas, Pérsia; as civilizações extremo-orientais, a actual Europa, são exemplos por tal forma nítidos dêste facto, que julgamos inútil insistir.

Mas a diferenciação traz automaticamente consequências: divisão de classes, formação de castas, de oligarquias, de aristocracias, de clerocracias, de burocracias, plutocracias, etc.

E, em síntese, sempre, na história, chegamos ao grande antagonismo de ricos e pobres, poderosos e oprimidos, quaisquer que sejam as suas formas.

Tal facto é pois uma consequência automática, mecanóide, da própria estrutura dos sistemas históricos que chamamos civilizações. Este facto é *capital*. Constatemo-lo, e

olhemo-lo com coragem, porque não é com utopias que podemos reorganizar a sociedade, mas partindo de uma base: o conhecimento de suas forças e leis. E' na utilização de tais forças e leis em benefício do homem que devem concentrar-se todos os esforços, que não na supressão imaginária daquilo que constitua a própria mecânica da vida histórica.

Quer dizer que nos encontramos em face dos seguintes problemas: 1.º tal facto, evidentemente constatável nos sistemas históricos conhecidos é essencial à mecânica de tais sistemas, ou destinado a desaparecer? 2.º na primeira das hipóteses, como proceder para o neutralizar, utilizando-o o homem em seu benefício, como utiliza as forças das quedas de água ou da fiação eléctrica?

Posto o problema em foco, deixemos a sua discussão por agora:—pois aqui foi focado apenas como factor mecanóide de decadência.

Resumamos por agora a questão dizendo:—até ao momento verifica-se que, em todos os sistemas históricos conhecidos, a diferenciação conduz à crise social; resta saber se diferenciação e crise social são elementos necessariamente conexos. E' esta discussão que, pela sua gravidade, deixamos para um capítulo especial:—não pode ser tratada sem conhecermos, no seu conjunto, o mecanismo de decadência dos sistemas históricos.

SOL nascente

REVISTA DO PENSAMENTO JOVEM

—aceita e acolhe com entusiasmo a colaboração (que seleccionará e aprovará) de todos aquêles que, sentindo a vida como atitude e movimento, tenham de expressar verdades úteis, na sua formação de contextura ideológica, ou no seu formular de coisa emocional.

Aceita, para que se revelem, ideias e arte, que só vivem exteriorizando-se.